

O HOMEM E A HORA DO DESVELO: REFLEXÕES ANTROPOLÓGICAS EM ANÁLISE HOMOERÓTICA N(D)A POÉTICA DE MÁRIO FAUSTINO

Rodrigo Maroja BARATA (PPGA, UFPA)
Joel CARDOSO (ICA, UFPA)

Resumo: este artigo visa a uma leitura antropológica de poemas de Mário Faustino, confrontando-os com a questão da homossexualidade presente na vida e na obra do poeta piauiense. E de como se dão os mecanismos de repressão, interdito, simbologia, para buscar em Peter Fry e em Michel Foucault, uma análise e uma leitura da homossexualidade, ora silente, ora latente, na poética de Faustino.

Palavras-chave: Antropologia Social; Mário Faustino; poesia; homossexualidade.

Abstract: this article aims an anthropological reading of poems by Mário Faustino, confronting them with the issue of homosexuality present in the life and work of poet of Piauí. And how to give the mechanisms of repression, interdict, symbolism, to fetch in Peter Fry and Michel Foucault, an analysis and a reading of homosexuality, sometimes silent, sometimes latent, in the poetic of Faustino.

Keywords: Social Anthropology; Mário Faustino; poetry; homosexuality

Sem cuidado nenhum, sem respeito nem pesar,/ ergueram à minha volta altos muros de
pedra./
E agora aqui estou, em desespero, sem pensar/ noutra coisa: o infortúnio a mente me
depreda./
E eu que tinha tanta coisa por fazer lá fora!/ Quando os ergueram, mal notei os muros,
esses./
Não ouvi voz de pedreiro, um ruído que fora./ Isolaram-me do mundo sem que eu
percebesse”
(KAVÁFIS, 1986: 52/53)¹.

1ª hora - Reflexões esparsas e (in)conclusivas: hipocrisia na leitura ou estratégias consumadas?

O poema de Kaváfis, denominado “Muros”, inaugura este artigo com a marca do interdito, tema que será imprescindível na análise da poética de Mário Faustino (Teresina/PI, 22 de outubro de 1930 — Lima/Peru, 27 de novembro de 1962). Ao lermos os versos de Faustino, confrontando-os com uma análise a capturar neles um viés homossexual, há, antes, de se compreender que não existe uma conceituação ou determinante teórica suficientemente convincente (FRY, 1985) para explicar as causas e os efeitos da homossexualidade presentes em seus versos, apreendemos, nas

palavras do antropólogo Peter Fry, que devemos partir de um ponto de vista relativo, pois “desta ótica relativizante, estas teorias dizem muito mais sobre pessoas que as articulam, dos contextos sociais e culturais onde foram produzidas, do que sobre a homossexualidade em si” (FRY, 1985: 16), e que devemos passar a vê-la como um fato social, fruto de nossa posição no mundo e também dos momentos históricos, e não como concebida tão-somente nos âmbitos da biologia e da psicanálise. E é como fator social que observaremos uma atitude visivelmente homoafetiva nos versos de Mário Faustino.

Na obra deste poeta piauiense, que dialogava e flertava com a geração modernista de 45, como atesta o filósofo e amigo pessoal Benedito Nunes em “A Poesia de meu amigo Mário” (FAUSTINO, 2009: 38), a pergunta que nos toma é: como a homossexualidade, nos versos de Faustino, aparece tão velada, sob a égide despótica do interdito, do silente e da recusa mesma de se tornar visível e clara? Isto é observado quando há uma nítida isenção de sexualidade em alguns de seus “eus” líricos, impedindo-nos de nunca poder, através de um mecanismo desinencial de gênero, apreender se a voz do poema é masculina ou feminina, no entanto esta voz se dirige a um homem, pois ao lermos os poemas de “Um Homem e sua Hora” e outros textos esparsos, notamos que grande número deles direcionam o amor a um homem, além de que, segundo Lília Chaves, havia também

“a alusão à cultura greco-romana ou a certos episódios bíblicos e a comparação com o amor paternal são estratégias que desempenharam historicamente um considerável papel nos esforços para se pensar e dizer o homoerotismo” (CHAVES, 2004: 301).

É possível perceber, ainda, que este direcionamento homoafetivo de Faustino bem podia estar sedimentado no relacionar-se com/a figura mitológica, ou paternal, ou fraternal, ou mesmo estar o poema se referindo a amigos (é do conhecimento de todos que estudam Mário Faustino que o poeta nutria amizades e se correspondia, com frequência e sem restrições acerca de sua própria homossexualidade, sobretudo com Walmyr Ayala e com Benedito Nunes), já que, em seu grupo, havia entre eles uma correspondência muito viva, fluente, e uma troca de afetos também bastante intensa, pois, como atesta Chaves, “se em *O Homem e sua Hora* aludia ao amor que sentia por outro homem, nos seus poemas experimentais, Mário Faustino passou a comentar, mais enfaticamente, em cartas e poemas, a relação entre o homem, o interdito e a palavra” (CHAVES, 2004: 305). Nota-se, não somente em seu livro “O Homem e sua Hora”, como também em “Esparsos e Inéditos (1948-1962)”, textos publicados na coletânea da Companhia das Letras de 2009, a relação

semântica dessa tríade no poema “Balatetta”², no qual Faustino ousa, nos versos (palavra), mostrar o calar-se (interdito) da voz de um amante (homem) que freme por outro amante:

Por não ter esperança de beijá-lo	Eu
mesmo, ou de abraçá-lo,	Ou contar-
lhe do amor que me corrói	O coração
vassalo,	Vai tu, poema, ao
meu	Amado, vai ao seu,
Quarto dizer-lhe quanto, quanto dói	
Amar sem ser amado,	Amar
calado...	
(FAUSTINO, 2009: 137).	

Esta declaração de amor homossexual é uma *balatetta*, pequena balada de um sentimento impossível pelas convenções sociais, na qual a vassalagem de Faustino presta contas ao amor, e, como um súdito, é dele dependente, tal o é um servo ao seu senhor, é essa atitude de passividade, regulada por códigos que remontam a época Clássica e que, de acordo com Fry,

Se formos pensar em termos históricos, veremos já na Roma Antiga, embora o relacionamento homossexual em si não fosse especialmente considerado malvisto, era considerado totalmente ultrajante um homem livre assumir um papel passivo tanto com um escravo quanto com um outro cidadão. Aqui, como nas prisões, a hierarquia sexual devia corroborar a hierarquia social (FRY, 1985: 53).

A poética de Faustino propicia margens a desvelamentos multifônicos, polissêmicos, híbridos de erudição e de lirismo amoroso transbordante de desejo, mas, através das metaforizações e desse interdito sexual, há o verso vetado à exposição livre de uma sexualidade com contornos, às claras, nítida, todavia o poeta cria opondo estilização linguística com sentimentalismo espontâneo e refreado. Esse transbordamento de homoafetividade está presente em versos como nos dois últimos tercetos do soneto “Vigília”:

E duas vezes nato, duas vezes	Defunto que és, celebro-te: pois
choro	Só a beleza que findava e finda
Agora e então em mim, não a que inflama	O cadáver que velo,
círio fértil	Onde o belo devora e gera o belo
(FAUSTINO, 2009: 172).	

Nota-se, que, nos tercetos, há um eu lírico que se auto-interdita, isto vai de encontro com a ideia de que, mesmo com o atual estado de “jogo da confissão”, a que Michel Foucault alude e reflete diante desse confessor moderno, ou pós-moderno, da sexualidade, quando o sexo não parece ser mais um tabu, pois ele é cantado em verso e prosa, no entanto, é ele que vai estar sempre sob os véus da linguagem, refreado, peneirado, “açambarcado e como que encurralado por um discurso que pretende não lhe permitir obscuridade nem sossego” (FOUCAULT, 2014: 22). Diante

desse prisma, vê-se que a homossexualidade vivida por Faustino, chega até o leitor sob uma gaze, uma capa de intolerância e de pudor, metaforizada, simbolizada, sempre a se esconder por detrás de recursos estilísticos e formais que a tratam como se fosse uma anomalia censurada, sobretudo por gays se tratarem de parentes dos libertinos do passado, pois desde o

[...] final do século XVIII até o século XX, eles correm através dos interstícios da sociedade perseguidos pelas leis, mas nem sempre são encerrados frequentemente nas prisões, talvez doentes, mas vítimas escandalosas e perigosas presas de um estranho mal que traz também o nome de ‘vício’ e, às vezes, de ‘delito’ (FOUCAULT, 2014: 44).

Há uma real e vivaz polifonia semântica nos poemas de Faustino, o qual nos coloca dilemas paradoxais e antitéticos presentes na tentativa de gritar a homoafetividade e na imediata não-aceitação/silenciamento da relação homoafetiva sob vários vieses (muito menos de dar voz a ela, a voz que ela própria reclama), devido a parecer que o poeta pede desculpas por amar, perdão por ser feliz, por estar com alguém que, também, em seus versos, é isento de sexualidade, ou quando não o é, a outra figura do poema faz-se assexuada, com o poeta sempre a esconder, por sob escusas, uma inadaptabilidade, uma tristeza do *estar à margem*, um sentimento pária, ultrarromântico, byroniano, pleno da culpabilidade infringida pela sua criação católica, entrecruzada, é bem certo, pela extrema erudição, lembrando, ainda, o que Lília Chaves declarou, também e não menos importante, por sua forte influência clássica e, em suas palavras, quando declara que por “quantas vezes e em quantos disfarces, nos seus poemas, Mário Faustino metamorfoseou seus afetos?” (CHAVES, 2004: 310).

2ª hora – Qual o motivo de escrever poemas para rapazes e não para Deuses?

Sou um jovem nu, entre cabras, esperando por um Deus
(Mário Faustino, em carta a Benedito Nunes, Nova Iorque, 14 de setembro de 1960)³.

Mário Faustino faz uso de simbologias para dar margens a entendimentos de que algo pode transpor o limite dos versos, expondo sua sensação de marginalidade, de expatriado endógeno e exógeno, de se autopunir, de se encontrar com a necessidade de apreender/compreender os ilimitados recursos da língua, a fim de escrever sugestões, criar meios de ressignificar a interdição, de redesenhar o papel do excluído social. Pois como Clifford Geertz teoriza, através de reflexões feitas por um pintor: “Matisse estava certo: os meios através dos quais a arte se expressa e o sentimento pela vida que os estimulam são inseparáveis”. (GEERTZ, 2008:148). Assim o era na vida e na obra de Mário Faustino, que por muitas e frequentes vezes se imiscuem, imbricam-se, mesclando realidade e ficcionalidade, mundo real e mundo poético.

Para se pintar o quadro verídico que exponha não somente o permitido, mas o interdito, é necessário utilizar recursos de escamoteamento social, pois para um homossexual, antes da década de 1960, era proibitivo e reguladora a situação de vivência de sua sexualidade, quando esta não estava regulada ou orquestrada por ditames sociais. Foucault reflete que “dizer que o sexo não é reprimido, ou melhor, dizer que entre o sexo e o poder a relação não é de repressão, corre o risco de ser apenas um paradoxo estéril” (FOUCAULT, 2014:13). Para tanto, urgia que, na poética de Faustino esses véus representassem os interditos todos impostos pela política do corpo e do desejo.

Refletindo-se acerca da situação concreta vivida pelos indivíduos em seus cotidianos, apesar dos esforços de se exporem frente à sociedade em que interagem com outros indivíduos, o comportamento sexual deve, ainda, obedecer a um complexo sistema classificatório de relações simbólicas e não-simbólicas, da realidade circundante, a qual varia de cultura para cultura, no entanto deixando óbvio que, em nossa sociedade, nesse Brasil do século XXI, as práticas sexuais ainda conformam objetos de estudo da ciência e das sociedades, relevando as condições socioculturais e históricas em que são ou, no caso e no tempo de Faustino, foram elaboradas e desenhadas para o acatamento ou para o confronto, mesmo que sutil; para o cerceamento ou para a tentativa de libertação, mesmo que velada, pois

[...] qualquer investida na área da sexualidade, principalmente em nossa sociedade, é envolvida no *mito do silêncio* que a reveste. E, com referência à categoria social *homossexual*, o mito reforça esse silêncio, fazendo com que pareça impenetrável (GUIMARÃES, 2004: 34).

Isto somente nos leva à reflexão de como vários versos de Faustino, mesmo que não propositalmente – se é que a poesia é proposital ou tenha algum propósito (?) – dão voz à homoafetividade, representando essa sensação do pavor de se encontrar entre iguais, de ser mais um a ser excluído, de não poder jamais gritar no poema o sexo de seus anjos, o sexo de seus símbolos, ou mesmo, a sexualidade de suas imagens. Ou até mesmo, se há sexualidade, como não explicitá-la (?), por óbvios motivos de veto, de interdição (do próprio eu lírico ou do receptor e de suas racionais elipses e por seus apolíneos labirintos).

2ª hora e meia – Retomada de mitos, deuses, semideuses, santos, mártires...

Todo o dilema de desvelar e interditar significativamente uma homossexualidade é encontrado nos versos de “Estava lá Aquiles, que abraçava”

Estava lá Aquiles, que abraçava
personagem?

Enfim Heitor, secreto
Do sonho que na tenda o torturava;

O Homem e a Hora do Desvelo: Reflexões antropológicas em análise homoerótica n(d)a poética de Mário Faustino | Rodrigo Maroja Barata e Joel Cardoso

Estava Saul, tendo por pajem
cítara cantava;
Sebastião e as chagas que o mataram.
mãos deixavam
Era a cidade exata, aberta, clara:
incendiado
E estava lá um deus crucificado
enforcado⁴

Davi, que ao som da
E estavam lá seteiros que pensavam
Nesse jardim, quantos as
Levar aos lábios que os atraíam!
Estava lá o arcanjo
Sentado aos pés de quem desafiara;
Beijando uma vez mais o

(FAUSTINO, 2009: 90).

Notam-se, no soneto, versos de extrema melancolia e repletos da culpa católica, de desconforto, de sentimentos suicidas, ou mesmo mórbidos, como a acelerar o fim de sua existência, prevendo sua precoce morte. No poema, ele atesta a tristeza dos que sofrem as pressões impunes da interdição, a qual se reflete na sua obra como uma fuga, um subterfúgio, um teorema, um dilema, um labirinto, um sistema de incongruências, todas criadas pelos dispositivos políticos de controle do corpo (FOUCAULT, 2014). E, há ainda a reflexão de como, em sua poética, o corpo é vítima de sofrimentos bárbaros, é punido com rigor de quem sente um forte sentimento de fragilidade e de isolamento.

Faz-se necessário, por esta metade de hora, deter-se no soneto “*Estava lá Aquiles, que abraçava...*”, porque ele representa, semanticamente, tudo o que há de mais mitológico, bíblico, sígnico (por que não cínico e cênico?) e sensual relacionado às questões gays universais. Nesta composição apolínea, visto ser regularmente metrificada (todos os versos são decassílabos, construídos em rimas ora alternadas ora entrecruzadas, em número de quatorze, ou seja, marca do soneto clássico e da supervalorização estética da arte), Faustino reinscreve e (re)versifica os maiores casos gays da História: o de Aquiles e Pátroclo, na Grécia antiga; o de Davi e Jônatas, já entrevista no Velho Testamento e a de São Sebastião, mártir e santo católico que virou símbolo e santo padroeiro dos gays. Forma elaborada, erudita, apolínea de declarar sua homossexualidade através de véus mitológicos, Mires Bender assevera que, em Faustino,

o resgate dos símbolos míticos também dá forma e relevo ao sentimento agônico da solidão, quando o poeta reflete-se em Narciso para estruturar o drama do homem moderno frente à visão do próprio existir, ou quando pensa seu ofício a partir da experiência marcial dos heróis guerreiros (BENDER, 2001:136).

Detemo-nos no primeiro quarteto da composição. A história de Aquiles e Pátroclo remonta e reconta as relações de paiderastia da Grécia Clássica, relação esta que, segundo Keneth James Dover, em seu “A Homossexualidade na Grécia Antiga”, era fundamentalmente de caráter privado, de prazer corporal, “de uma tendência constante no mundo grego a considerar o eros homossexual como um misto de relação educacional e genital (DOVER, 1994:277). A pederastia conformava um conjunto de regras: o adulto era chamado de *erastes* e o jovem puilo de *eromenos* e, entre eles não

havia explicitamente a relação sexual, a não ser se não houvesse abuso sexual, pois tal ato não era tolerado pelo Estado. Nikolaos Vrissimtzis, sociólogo grego, atesta que

O erastes devia ter acima de vinte anos, o que significa que já havia ultrapassado o estágio de eromenos, tendo adquirido, assim, suficiente experiência social e formação cultural para que pudesse transmiti-las aos mais jovens (VRISSIMTZIS, 2002:104).

O termo pederastia é composto pelas palavras *país* (criança) e *erân* (o verbo amar). Este ato, tão comum, sobretudo a partir do século VI a. C., “denotava uma afeição espiritual de um homem adulto por um garoto” (VRISSIMTZIS, 2002:100) e completa o autor declarando que não havia obscenidade nessa relação, era um instituto pedagógico repleto de ideias e, há de se declarar que entre obscenidade e homossexualidade há uma distância enorme, pois como reflete Dover

As relações homossexuais não podem ser totalmente separadas – na sociedade grega ou em qualquer outra – entre aquelas que desempenham uma função educacional e aquelas que provocam, e resolvem, tensões genitais. A maior parte das relações de qualquer tipo são complexas, e a necessidade de contato físico e de orgasmo era um dos ingredientes do complexo de necessidades satisfeito pelo eros homossexual (DOVER, 1994:278).

Retomando a amizade entre Aquiles e Pátroclo citada no soneto de Faustino, Homero, na *Ilíada*, não menciona uma relação erótica entre os dois. Dover cita que Ésquines de Esfeto, grande orador grego, declara que

[...] seria razoável atribuir o silêncio do poeta à ausência de qualquer elemento erótico nesta relação, conforme ele a considerava. Para Ésquines, entretanto, assim como para os demais gregos do período clássico, a extravagância das emoções de Aquiles quando Pátroclo é morto, combinada com a injunção de Pátroclo de que, quando Aquiles morrer, suas cinzas devem ser enterradas juntas, significava eros homossexual, e Ésquines considera a reticência de Homero como um sinal de sensibilidade culta (DOVER, 1994:270).

Ésquilo, no fragmento 228, da tragédia “*Os Mirmídonos*”, foi o primeiro a atribuir à relação entre Aquiles e Pátroclo uma leitura homossexual, usando um modo de expressar-se muito comum do início do século V a. C., que se referia à posição intrafemural, quando “Aquiles se dirige a Pátroclo morto: ‘E tu não sentes remorsos pela reverência pura por tuas coxas⁵ – Oh! Que ingrato fostes para com tantos beijos!’” (DOVER, 1994:270). Ou seja, o ato ocorria sempre entre as coxas do eromenos, não havendo a penetração anal, este era o único permitido segundo as regras da pederastia e dos códigos moral e social vigentes à época. Segundo Dover

As características de devoção de Aquiles a Pátroclo, retratadas na *Ilíada*, são não só a extravagância anormal do luto de Aquiles pela morte de Pátroclo, mesmo sabendo que, fazendo-o, ficaria destinado a uma morte prematura, e que se não o fizesse, poderia voltar à sua terra e chegar a uma velhice pacífica (DOVER, 1994:66).

Portanto, retomando o soneto de Faustino, é evidente que o poeta cita essa relação exatamente por ter sido ela de caráter homossexual, todavia a faz sob os véus da História e da Mitologia clássica, nunca explicitamente, mas sim, verisificando a ira de Aquiles, que abraçava Heitor, sob uma tenda, onde predominava um clima de tensão e de tortura, conformando a vingança do herói devastado pelo assassinato de seu amado Pátroclo.

E é necessário esclarecer, ainda, mesmo que as relações de pederastia não carregassem explicitude em sua conformação erótica, o amor entre *erastes* (Aquiles) e *eromenos* (Pátroclo) inspirava-se na admiração e na gratidão, e “combinada com solidariedade, induz o eromenos a conceder os *favores* e prestar os *serviços* que o erastes tão óbvia e apaixonadamente deseja” (DOVER, 1994:81). Faustino usa essa relação e constrói versos que citam esse amor homossexual, atitude muito comum aos gays que eram interditados e se auto-interditavam, daí as metáforas, os signos, as inevitáveis citações comparativas, e nunca a clara manifestação homoafetiva, que o poeta deixava para vivenciar quando fora de seu país, como declara Chaves quando reflete que esse amor era vivido fora de sua pátria:

“Nova York teria sido um pesadelo, não fosse o amor de Osvaldo⁶, um pedaço de Brasil no exterior. A alegoria agora é outra: o amado como sua pátria. Por meio do erotismo, Mário entra em comunhão com sua terra. A falta física da pátria é compensada pelo corpo – terra – do amante, cuja descrição, repetida nas cartas, traduz um patriotismo que atravessa o erótico: ‘É o Brasil que dorme a meu lado como um gigante em berço esplêndido...’⁷ O sentimento patriótico de Mário é estético, a terra é bela e forte como o homem que tem a seu lado... A pátria – bela, sensual, erótica, invertida – não é a pátria mãe, feminina, mas a pátria-masculina, sua conquista amorosa” (CHAVES, 2004:311)

Portanto, Aquiles amava Pátroclo; Faustino amava Osvaldo; Davi amava Jonatas... Analisemos, portanto este, o amor de Davi e Jonatas, personagens do jardim que se ergue no soneto. A citação de Saul e Davi é uma das grandes questões de homossexualidade na Bíblia; Jônatas, filho de Saul, teria tido um caso de amor com o servo do pai, Davi. “Tu me eras imensamente querido; a tua amizade me era mais cara do que o amor das mulheres”, palavras atribuídas a Davi no Velho Testamento (2 Sm 1,26). Óbvio que a Igreja Católica não vê esse amor como homossexual, faz-se até desinteressante partir de pressupostos despóticos por essa meia hora.

Dover reflete acerca da nada saudável curiosidade que se tem sobre a diversidade sexual, com a declaração de que

o sentimento moderno que eu ouvi mais de uma vez nas palavras ‘é impossível compreender como os gregos puderam tolerar a homossexualidade’ e que por causa desta herança, mostrou (até recentemente) uma curiosidade acerca da variabilidade dos estímulos sexuais que podem excitar uma mesma pessoa, ou sobre as diferenças entre a orientação fundamental da personalidade e acontecimentos episódicos em nível superficial (DOVER, 1994:277/278).

Como poderia Mário Faustino, homossexual, vivendo em Belém do Pará, na primeira metade do século XX, assumir-se através de seus textos se não por meio de metáforas e simulacros, astuto desvelamento de seu amor por homens. Atitude de todos os homens que tiveram sua sexualidade reprimida, porque é, segundo Foucault, impossível ver o sexo como algo não reprimido e que entre este e o poder não haja uma relação de opressão, essa visão “corre o risco de ser apenas um paradoxo estéril” (FOUCAULT, 2014:13). Mário Faustino não seria nunca esse paradoxo estéril, por isso coloque no soneto não os pares de amantes, mas os pares conflitantes: poetiza Aquiles e Heitor, Davi e Saul, como, assim o faz com a figura de São Sebastião, opondo-os aos seus seteiros. É um poema que se posiciona interdito por excelência, interdito pelas simbologias entrecruzadas e pelos pares, quase antitéticos (há a união dos contrários no soneto, o paradoxo de Faustino, portanto, é totalmente fértil), os pares se interpõem ao amor homossexual, tema mor do soneto.

Quanto a São Sebastião (morto em 268 d. C.), foi santo e mártir do Cristianismo, perseguido e morto a flechadas pelos soldados do Imperador Diocleciano, o qual nutria uma paixão aterradora pelo jovem e belo santo e impetrou sobre o belo rapaz uma incessante perseguição. Sobre ser considerado ícone gay, encontramos nas palavras de Richard Kaye que gays, na contemporaneidade, têm em São Sebastião um ícone de desejo, um ideal de homossexualidade e protótipo do torturado e marginalizado, portanto mais um interdito da História: "contemporary gay men have seen in Sebastian at once a stunning advertisement for homosexual desire (indeed, a homoerotic ideal), and a prototypical portrait of tortured closet case" (KAYE, 1996: 105).

Há, nessa relação de simbologias, a voz que trai o grito interdito, sub-repticiamente, Faustino, com sua erudição traveste-se com seus mitos, transmuta-se em mito ele próprio, mito da sexualidade reprimida e censurada, como expressa Maria Rita Kehl (KEHL, 2009), a repressão não cega o indivíduo para si, cega-o para o mundo que o cerca, confundindo-o naquilo que o indivíduo pode ansiar ou desejar de fato. Fry, corrobora com a reflexão com o posicionamento de que

nenhuma das teorias existentes sobre as causas de homossexualidade nos convence e a nossa tendência é de tratá-las todas, sem exceção como produções ideológicas” (FRY, 1985:15).

Segundo ainda Peter Fry, os desejos, tanto homossexuais quanto heterossexuais são produções sociais e têm todos eles os mesmos pesos e medidas, os mesmos entraves e saídas. Tudo ou quase tudo no plano do desejo é imperiosamente e inquestionavelmente uma produção ora

estética ora ideológica, ora filosófica ora um produto de ideias binárias e arbitrárias. Faustino reúne em boa parte de seus versos a sua homossexualidade velada, alheia a olhares despóticos e censuradores, mitologizando-a e metamorfoseando-a em pacifismo, em lirismo-amoroso catalisado pelo pudor cerceador, pela necessidade de deixar claro que como escreveu Fry (FRY, 1985), não deveriam existir identidades sexuais a classificar alguém por suas relações sexuais, mas por suas identidades sociais.

- 3ª e curtíssima hora: A beijar mais uma vez o enforcado

Identidades sociais são o que se surgem fulgurantes na poética de Mário Faustino e, à guisa de tentar chegar a algum tipo de conclusão, se é que se chega a tal, recorre-se mais uma vez ao comentário de Ésquines de Efestos quando este tenta isentar Homero de esconder a homossexualidade de Aquiles na *Ilíada*: assevera o orador que é devido à sensibilidade culta de Homero tal velamento. Faustino pode não ser um poeta épico do mundo clássico, mas um dos mais importantes da modernidade da literatura brasileira e, refletindo acerca de sua homossexualidade e em sua obra, dir-se-á que todo o interdito, todo o velamento, toda simbologia que leva aos recônditos da palavra (não)dita deve ser, delicadamente, atribuída a sua ulterior sensibilidade culta.

Ao se falar em sexualidade estabelecida, remetemo-nos aos papéis que são rígidos, inflexíveis e binários, porque, como reflete Fry: “Desde a mais tenra infância, meninos e meninas são educados para se portarem como homens e mulheres mais tarde” (FRY, 1985: 41). Desta maneira que a homossexualidade surge (des)velada em Mário Faustino, obedecendo a padrões ditados pela sociedade que vê, nos indivíduos, a binaridade como base para a manutenção do que é seguro, compreensível, mesmo que paradoxal.

Referências:

BENDER, Mires Batista. **Sobre Alguns Temas em Mário Faustino**. – Rio Grande do Sul: Edipucrs/anais/XI Semana de Letras, 2011.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega**. Petrópolis: Vozes, Vol. III, 4.ª edição, 1992.

CHAVES, Lília Silvestre. **Mário Faustino: uma biografia**. – Belém: SECULT; IAP; APL, 2004.

DOVER, Kenneth James. **A homossexualidade na Grécia Antiga**/ K.J. Dover; tradução Luís Sérgio Krausz. – São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

O Homem e a Hora do Desvelo: Reflexões antropológicas em análise homoerótica n(d)a poética de Mário Faustino| Rodrigo Maroja Barata e Joel Cardoso

FAUSTINO, Mário. **O Homem e sua Hora e outros Poemas**. Mário Faustino; pesquisa e organização Maria Eugênia Boaventura. – São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FRY, Peter. **O que é Homossexualidade**; Peter Fry e Edward MacRae. – São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1985.

GEERTZ, Clifford. **O saber local nos ensaios sobre antropologia interpretativa**. Petrópolis: 2008.

GUIMARÃES, Carmem Dora. **O Homossexual visto por entendidos**. – Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2004.

KAYE, Richard A. **Losing His Religion: Saint Sebastian as Contemporary Gay Martyr**. – New York: Routledge, 1996.

KEHL, Maria Rita. **Os sentidos da Paixão/ Organização Aduauto Novaes**. – São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

NAPHY, William. **Born to be Gay. História da Homossexualidade**. Tradução portuguesa de Jaime Araújo. Edições 70, 2006.

NISSINEN, Martti. **Homoeroticism in the Biblical World, A Historical Perspective** – Minneapolis: Fortress, 1998.

PAES, José Paulo. **Poesia Moderna da Grécia (seleção, tradução direta do grego, prefácio, textos críticos e notas)** / José Paulo Paes. – Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

VRISIMTZIS, Nikos A. **Amor, Sexo e Casamento na Grécia Antiga**. Trad. Luiz Alberto Machado Cabral; ver. Rosana Citino; ilustr. Gabriela Brioschi. São Paulo: Odysseus, 2002.

Notas:

¹ Kaváfis, Konstantinos (Alexandria, 1863 – 1933). Poeta neo-helênico do século XX. Segundo José Paulo Paes, passou a vida inteira a esconder da sociedade elegante à qual frequentava, “suas aventuras homossexuais nas tavernas e nas casas suspeitas de Alexandria” (PAES, 1986: 66).

² Balatetta, segundo Mires Batista Bender, analisando o mesmo poema de Faustino: é uma “pequena balada sensual, a distância das almas e o contato impedido pelo silêncio, provam que o amor é impossível” (*in* <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/XISemanaDeLetras/pdf/miresbender>, 4: 2011, visitado em 13/05/14). Além de sensual, triste, melancólica, sofrida, interdita.

³ Na biografia de Mário Faustino, escrita por Lília Chaves, a autora apresenta esse verso de Faustino, e atesta que foi escrito em uma carta a Benedito Nunes, quando o poeta estava em Nova Iorque, por volta de 1960. Chaves ainda escreve sobre um dos amantes de Faustino, “Osvaldo, ‘amante e adorado como um deus’, o último amor, tornou-se o menos disfarçado (pelo nome revelado nos escritos mais íntimos que os poemas). Talvez por ter sido, de todos, o mais amado” (CHAVES, 2004: 310).

⁴ Segundo a mitologia clássica, ao longo dos anos da guerra entre gregos e troianos, Aquiles (herói grego) mata por ira e vingança Heitor (herói troiano), porque Pátroclo, amante de Aquiles, havia sido morto por Heitor. Aquiles arrasta pelos

O Homem e a Hora do Desvelo: Reflexões antropológicas em análise homoerótica n(d)a poética de Mário Faustino | Rodrigo Maroja Barata e Joel Cardoso

calcanhares o corpo de Heitor, para que ele fosse comido por cães e abutres, enquanto o de Pátroclo seria honrado. Todos os mitos ou figuras históricas usadas no soneto em pares antitéticos são objeto de análise na 2ª hora deste artigo.

⁵ O historiador William Naphy declara por definitivo a homossexualidade do herói grego quando “Assim, Ésquilo, na sua peça Mirmidões, falava do amor de Aquiles por Pátroclo, e terminava com a morte do segundo e o lamento de Aquiles acerca dos seus “muitos beijos” e da “união sagrada das suas coxas” (NAPHY, 2006:303).

⁶ Osvaldo, na biografia de Mário Faustino, de Lilia Chaves, é apresentado como amante de Mário Faustino, como “um jovem paraquedista, sem muitos estudos, mas alto, forte, bonito, Mário, que ‘gostava dos tipos apolíneos’, apaixonou-se perdidamente por ele...” (CHAVES, 2004:311).

⁷ Trecho de carta ao poeta Waldir Ayala. Nova York, 15 fev. 1960, extraído da biografia de Mário Faustino, de Lilia Chaves.